

A Rodada de Doha e o Quênia: Boas e Não Tão Boas Lições

por Eduardo Zepeda, Carnegie Endowment for International Peace / PNUD

A crise financeira global e os números do desemprego aumentando vertiginosamente levantaram a ameaça da escalada de barreiras ao comércio. Uma conclusão rápida da Rodada de Doha poderia ajudar a evitar algo do aumento do protecionismo, mas ninguém sabe quanto. E ao passo que Doha ajudará a economia mundial, também irá criar ganhadores e perdedores em todos os países e entre setores dentro de cada país (Polaski, 2006). Quanto podem os países em desenvolvimento ganhar ou perder depende, em grande medida, de como a questão dos subsídios agrícolas nos países desenvolvidos seja resolvida. Mas isso também depende da definição de mercadorias primárias sensíveis e dos efeitos da maior liberalização do comércio de bens manufaturados. Os países em desenvolvimento terão que olhar com muito cuidado para os ganhos e perdas de acordos propostos da Rodada de Doha, as chamadas “modalidades”. Para muitos países em desenvolvimento, a natureza de qualquer pacote acordado será mais importante do que alcançar qualquer acordo por um prazo específico.

Considere-se o Quênia, um país de baixo desenvolvimento humano, com um PIB per capita anual de cerca de US\$ 700. O Quênia exporta vigorosamente produtos agrícolas para a União Europeia (UE) e têxteis para os Estados Unidos, bem como alguns bens manufaturados para os países vizinhos, mas importa uma ampla gama de produtos manufaturados. Como será o caso de muitas outras economias subsaarianas, Doha deverá ter impacto significativo em toda a economia do Quênia e muitos desses efeitos estarão estreitamente vinculados aos termos das negociações.

Segundo Zepeda et al. (2009), a produção anual de setores poderia mudar até mais ou menos 10 por cento.¹ Comparado a um cenário sem Doha, o estudo conclui que a produção média total anual dos setores de processamento de alimentos e agricultura do Quênia seria 2,7 e 0,7 por cento maior, respectivamente (ver tabela). As mudanças seriam resultado principalmente do aumento das exportações de produtos agrícolas e alimentos processados, bem como do aumento das importações de alimentos processados e diminuição das importações de bens agrícolas. Ressaltando a importância das negociações, o estudo sugere que a força motriz por trás da maioria dessas mudanças seja a redução dos subsídios agrícolas nos países desenvolvidos, especialmente o compromisso de eliminar os subsídios à exportação até 2013. No caso do aumento das importações de alimentos processados, a força motriz é a redução das próprias tarifas do Quênia.

O estudo também mostra que o efeito de Doha sobre as indústrias manufatureiras e extrativas será negativo: as exportações de bens manufaturados irão cair, enquanto as importações aumentarão, resultando em uma queda de -2,1 por cento da produção anual. A produção cairá em todas as indústrias não alimentares do Quênia, menos numa. O fator chave aqui é a queda dos preços mundiais provocada pela aplicação dos acordos de Doha e, em alguns casos, pelas próprias reduções tarifárias do Quênia.

Para o Quênia, o saldo global é positivo. Adicionando mudanças em toda a economia, a liberalização do comércio de mercadorias nos termos de Doha iria aumentar o PIB anual em 0,2 por cento. O impacto global de desenvolvimento também seria positivo, já que o emprego poderia aumentar, sobretudo entre os trabalhadores não qualificados, sendo provável que caia a pobreza. O bem-estar global aumentaria e aumentaria o consumo. Isto tudo são boas notícias para o Quênia, que provavelmente seria um ganhador na Rodada de Doha.

O saldo global positivo para o Quênia depende criticamente de quanto os países desenvolvidos reduzam o seu apoio para a agricultura e de quanta proteção o Quênia possa reter para o seu setor produtivo. Como muitos outros países em desenvolvimento, o Quênia não pode se dar ao luxo de ignorar detalhes das negociações de Doha; a sua prioridade deve ser a de alcançar um bom acordo, ao invés de cumprir prazos. Conforme o Quênia colha os benefícios de Doha, ficará cada vez mais especializado em agricultura, em vez de na indústria. Isto permitirá ao país fazer uma utilização mais intensiva dos seus recursos mais abundantes: trabalhadores rurais pouco qualificados. Mas a concretização das aspirações de desenvolvimento do Quênia não pode repousar exclusivamente na agricultura. Zepeda et al. (2009) postulam que as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) e a sua aplicação deveriam permitir a países em desenvolvimento como o Quênia adquirirem o espaço necessário para desenvolver uma base manufatureira competitiva com elevado valor adicionado. Trancar países como o Quênia na economia estática das vantagens comparativas do presente não será uma base sustentável para um futuro regime de comércio global que funcione para os países em desenvolvimento.

Mudança nas Exportações, Importações e Produção por Mercadoria (%)

Setor	Exportações	Importações	Produção
Agricultura	3,0	-2,1	0,7
Alimentos processados	13,0	23,9	2,7
Indústrias não-alimentares	-4,1	1,3	-2,1
Serviços	-4,1	4,0	0,2
Total	0,2	0,1	0,6

Fonte: cálculos do autor usando o modelo de país.

* Dados representam a variação percentual entre o valor médio anual do cenário de Doha para cada uma das variáveis e do valor médio anual da linha de base.

Nota:

1. O estudo utiliza dois modelos dinâmicos de equilíbrio geral computáveis para analisar os efeitos que a liberalização do comércio de bens teria sobre a economia do Quênia, segundo um provável cenário de Doha, com base no estado das negociações em julho de 2008.

Referências:

Polaski, S. (2003). *Winners and Losers*. Washington, DC, Carnegie Endowment for International Peace.

Zepeda, E. et al. (2009). *The Impact of the Doha Round on Kenya*. Washington, DC, Carnegie Endowment for International Peace. Carnegie Endowment website, <http://www.carnegieendowment.org/events/?fa=eventDetail&id=1483>.